

Discutindo a importância do estágio na formação do professor de História

Discussing the importance of stage in the formation of the history teacher

Ailton José Morelli
UEM
ajmorelli@uol.com.br

Resumo: O objetivo desse trabalho é discutir a importância da realização de estágios em atividades relacionadas com a preservação documental, patrimonial e de memória por acadêmicos do curso de graduação em História para sua formação na prática docente e integrar atividades de docência com as atividades desenvolvidas em museus, bibliotecas e centros de documentação. Nos últimos meses, essa é uma das orientações do processo de revisão das atividades de estágio no curso de graduação de História da Universidade Estadual de Maringá que busca possibilitar ao aluno a clareza de estar estagiando como futuro profissional na área de História.

Palavras-chave: ensino de história; patrimônio; memória

Abstract: The objective of this paper is to discuss the importance of history pupils undertake internships in activities related to preserving documentary heritage and memory for their teacher training and integrate activities with those of teaching in museums, libraries and documentation centers. This is one of the guidelines of the review process of the activities of the undergraduate stage of History, State University of Maringá in recent months that seeks to give the student the clarity of being an intern as a future career in history.

Keywords: teaching history; patrimony; memory

O objetivo desse texto é relatar o processo de revisão da prática de estágios no curso de licenciatura de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Esse processo foi iniciado esse ano partindo de alguns pontos, como a discussão da lei de regulamentação da profissão de historiador, da implantação do curso de ensino a distância na UEM, a organização do Centro de Documentação Histórica (UEM), além de reivindicações dos professores da rede de ensino e da nova estrutura do Colégio de Aplicação Pedagógica da UEM — os colégios de aplicação estão sendo organizados em um sistema mais amplo no Paraná.

A carga obrigatória de prática de ensino ficou distribuída na parte prática das disciplinas dos dois primeiros anos mais a disciplina de "metodologia e prática de ensino" no terceiro ano e os estágios obrigatórios nos dois últimos. Porém, os resultados estão muito abaixo do esperado, ou seja, identifica-se que o aluno chega no final do curso inseguro para

iniciar as atividades de docência do ensino fundamental e médio, além de ter dificuldades em relacionar o conteúdo com as atividades de sala de aula. Mais difícil ainda está a capacidade de relacionar a prática da docência com as outras práticas previstas no projeto de lei.

A urgência de enfrentar os problemas identificados se tornou evidente. A direção das ações, por outro lado, nem tanto. O trabalho de estágio no ensino das licenciaturas tem passado por muitos questionamentos, tanto em relação às mudanças legais quanto à necessidade de respostas aos problemas apresentados pelo ensino em geral (CAINELLI, SILVA, 2009). Ressalta-se a necessidade de se manter sempre presente de que a forma como o ensino é entendido influencia diretamente na organização dos estágios e na prática de ensino. Situação observada nos cursos de matemática, química e física que enfrentaram essas mudanças nas décadas de 1970-1980, evidenciadas pela busca de formas alternativas como as feiras de ciências, as olimpíadas, museus e publicações, como exemplos desse processo (CHASSOT; OLIVEIRA, 1998).

A mudança na forma de uso dos laboratórios pelos professores foi crucial, passando de espaço confirmador das aulas teóricas para espaço de criação, de elaboração de dúvidas, problematização e, então, a busca de fundamentos na teoria e condições de construir respostas. Essa mudança permite compreender a relação de uma feira de ciência no processo de formação do aluno. A preocupação na formação do aluno ultrapassa a prática "depositária" de apenas buscar que o aluno assimile todo conteúdo considerado necessário para que ele aprenda a disciplina, como uma caixinha que enchemos aos poucos. Questão ampla e profundamente analisada pelo educador Paulo Freire que fundamentou vários autores pois se preocupava em superar os limites tradicionais e criar condições para que os alunos encontrem no pensamento científico algum sentido na maneira de ver o mundo.

Essa referência ao ensino de ciências tem seu motivo. E o principal é o esforço das áreas consideradas mais distantes das humanidades de buscar formas para atrair a atenção das pessoas em geral e dos alunos, principalmente, das crianças e adolescentes. Por exemplo, a organização de grupos de pesquisa específicos para a produção de materiais didáticos, até a organização dos "shows" da física, da química etc. Esse tipo de iniciativa conseguiu com apoio nas exigências internacionais criar linhas de financiamento para a prática de popularização da científica. O acompanhamento desse processo mostra o quanto a área de História ainda tem que percorrer.

Um exemplo dessas iniciativas e da importância da interdisciplinaridade, hoje em dia não tão valorizada pelos órgãos de fomento, na criação de espaços e atividades que proporcionem às crianças e adolescentes um contato com o fazer história juntamente com outras áreas de conhecimento, foi realizado na cidade de Goioerê no final da década de 1990 dentro das atividades do curso de Licenciatura Plena de Ciências (UEM). Mais especificamente, na relação das disciplinas de História e Filosofia da Ciência com a disciplina Ciência, Tecnologia e Sociedade. O projeto contou com o apoio do laboratório de ensino de ciências.

O projeto foi realizado no Parque Ecológico de Goioerê como o ponto de análise da prática dos professores de Ciências, principalmente quanto à análise ambiental. E, ainda, considerando a importância da interdisciplinaridade no ensino, como a produção de História contribuindo nessa prática, especialmente com o desenvolvimento da História Ambiental (MORELLI, 2009). Neste trabalho foi utilizado como principal base documental entrevistas produzidas com moradores da cidade e com professores de ciências e em duas frentes. Primeiro, analisar o significado do Parque Ecológico para os depoentes. Segundo, detectar entre os moradores em geral e os professores, em especial, qual a representatividade do Parque quanto à flora e a fauna.

A História oral foi a base metodológica na produção do conhecimento delimitado dentro de uma preocupação das ciências biológicas. O direcionamento da pesquisa buscou na historiografia da História Ambiental os fundamentos para a análise do impacto ambiental identificado nos depoimentos recolhidos e analisados. Com a discussão do laboratório de ensino de ciências, foi produzido material didático destinado aos professores interessados em realizar visitas no Parque, desenvolver o tema da questão ambiental em sala de aula, em disciplinas diversas como geografia, história, ciências, biologia e nas aulas dos anos iniciais.

Durante essa experiência algumas práticas foram integradas no plano de estágios do curso. Primeiro, o mais óbvio, a importância do laboratório de ensino não ficar no contingência de apoio e, sim, ser integrado no projeto pedagógico do curso e na regulamentação da disciplina de estágio e prática de ensino. Segundo, a importância de integrar os professores da rede de ensino fundamental e médio em projetos que integrem os alunos estagiários em práticas mais consistentes e ofereça para o professor o reconhecimento de sua atuação, tanto na forma de certificados como na troca de experiências. E o Parque foi incluído como espaço de estágio, considerando as visitas monitoras e a produção de material didático.

O projeto foi desenvolvido no período em que defendia-se a alfabetização científica no ensino de ciências. Nesta década as críticas voltavam-se ao processo de construção do conhecimento científico pelo aluno e, desde então, muitas pesquisas voltadas à investigação das pré-concepções das crianças e dos adolescentes de fenômenos naturais e suas relações com os conceitos científicos foram realizadas. Os estudos sobre história das ciências teve seu papel nesse processo, uma vez que através da história verificou-se que as concepções das crianças se assemelham a concepções científicas de outros tempos. A historicidade do conhecimento científico possibilita uma melhor compreensão da construção do conhecimento na relação observação/reflexão. Assim, os alunos vislumbram a possibilidade de responder perguntar e, o mais importante, elaborar perguntas cada vez mais complexas. Não saber a resposta não significa mais um fracasso, mas o momento de buscar responder. Acompanhar a elaboração e reformulação de conceitos, permite criar um ambiente não mais baseado no certo ou no errado, mas em hipóteses, em teses, em posição crítica diante das respostas apresentadas, mostrando que a Ciência é falível, não neutra e está sujeita a mudanças.

A História também possibilita compreender-se melhor a Ciência como transformadora da realidade, pois, através dela que percebe-se as transformações que ocorreram em nossas vidas por meio da aplicação da ciência. O uso da História nas aulas de Ciências possibilita uma maior compreensão por parte dos alunos e até mesmo dos professores na assimilação do conhecimento científico.

Outra vantagem de se aprofundar na história para melhorar a qualidade das aulas de Ciências, deve-se ao fato desta disciplina estar relacionada com todas as disciplinas, pois todas as disciplinas possuem uma história e nela encontram a interação, como podemos acompanhar nas afirmações de CHASSOT (1998, p. 37) “este estudo é muito mais produtivo se for uma construção solidária, envolvendo colegas de diferentes áreas do conhecimento ao invés de algo solitário”.

As preocupações indicadas e a potencialidade da História enquanto meio aglutinador das áreas e na integração do aluno nesse meio fica mais claro na constatação que Chassot faz do conflito de culturas na escola:

a linguagem científica escolar tem uma estrutura diferenciada da estrutura da linguagem cotidiana e isso faz com que o sujeito veja esses dois mundos separados, o que talvez influa na sua aprendizagem dos conhecimentos ditos científicos e na compreensão do vínculo desses conhecimentos com seu dia-a-dia. (CHASSOT; OLIVEIRA, 1998, p. 97).

Centrados nesta questão, podemos refletir sobre a prática docente que vem sendo realizada nos dias de hoje. No caso do ensino de Ciências, ainda que tenha passado por novos paradigmas ao longo do tempo, precisa quebrar muitas barreiras para que possa contribuir com a cidadania, sendo necessário romper com a concepção de que a ciência é neutra e assim efetivar um diálogo entre a linguagem científica e a linguagem cotidiana.

A História também precisa superar esse obstáculo. E, acompanhando as discussões em torno da Educação Histórica ou da consciência histórica, pautadas em Jörn Rüsen (SCHMIDT, BARCA, MARTINS, 2010; CAINELLI, SCHMIDT, 2011), fica evidente o quanto nossa prática docente está anos atrás dos avanços nas áreas de Ciências.

Em pesquisa recente analisando memórias de infância na cidade de Maringá (MORELLI, 2010) os relatos relacionados com a escola indicaram pontos próximos das constatações acima. As falas dos depoentes sobre a escola tratavam, principalmente, do entorno da escola, ou seja, antes e depois da escola. O caminho para chegar na escola, as dificuldades, os materiais, os amigos, desejos de continuar estudando diante da possibilidade de parar para trabalhar. A prática escolar, a sala de aula, são temas quase nulos nas entrevistas, surgindo apenas quando questionado mais diretamente e, mesmo nesses casos, rapidamente migrava para outra temática.

Outro ponto abordado na pesquisa indicada foi brinquedos e brincadeiras. Um campo não tão novo, porém, permite uma fácil interação com alunos nas primeiras séries. A identificação e mesmo a total estranheza diante dos brinquedos relatados em outros tempos, por seus pais ou outras pessoas da cidade. A interação vai além e a produção dos relatos das crianças e adolescentes, os alunos, podendo ser produzidas por eles acompanhados pelo professor e estagiários, contribui com a criação de acervos para história escolar e para história da infância em geral.

A relação com essa prática e com esse material permite uma reflexão constante do encontro e conflito entre as culturas dos alunos com a cultura da escola e a científica. Reflexão necessária para toda a área de ensino e para o estagiário em formação.

As pesquisas com História Oral focando a memória das crianças na escola e a memória dos professores tem aumentado recentemente. Primeiro que esse tipo de pesquisa desenvolve-se em programas de diferentes áreas que atuam nas licenciaturas, Biologia, Matemática, Geografia, Ciências Sociais, História, Com uma produção mais significativa nos

programas de educação. Segundo, pelo avanço dessa metodologia nas últimas décadas. E terceiro, o aumento de grupos de pesquisa do ensino de História que possuem na História Local a base para uma revisão da prática de ensino em sala de aula, proporcionando a atuação dos alunos de História como em um laboratório, onde os alunos aprendem trabalhar com as fontes diretamente, inclusive na sua produção.

A organização de centros de memória nas escolas ainda é observado em experiências isoladas, porém já figura nas propostas de alguns planos de governo. Infelizmente ainda não figura claramente nos cursos de História. Da mesma forma que a prática de educação museológica (SAMARA; MESQUITA, 2008) desenvolvida nos museus ainda não tem atraído um número significativo de cursos de História que vislumbrem nessa prática as possibilidades dos alunos relacionarem de maneira mais direta a relação ensino e fonte.

Esses são algumas das diretrizes do nosso processo de reformulação da prática de estágios. As propostas seguem parte das experiências aqui relatadas e buscam enfrentar o desafio da regulamentação da profissão de historiador. Para tanto, estamos articulando a relação do curso com os professores da rede de ensino com a formação de grupos de estudo e atividades de formação como palestras, oficinas e cursos de curta duração ministrados também pelos professores da rede de ensino. Dessa forma, os professores participam da escolha dos temas, trocam experiências e construímos um espaço de capacitação e atualização para professores e alunos.

O estágio está sendo flexibilizado, seguindo a possibilidade prevista em lei, aceitando e estimulando que os alunos participem de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Essa carga é aceita mediante relatório que demonstre a importância ou relação das atividades desenvolvidas com a prática docente. Estágios, remunerados ou não, realizados em museus, bibliotecas, centros culturais, arquivos ou outras instituições que demonstrem relação com as atividades previstas no projeto pedagógico também estarão contemplados na carga final, mantendo uma carga mínima de observação e atuação em sala de aula.

A ampliação dessa prática do estágio objetiva que o aluno participe de atividades diretamente relacionadas com sua profissão e compreenda as possibilidades de usar esse conhecimento na prática docente. A prática em museus ou centros culturais nas visitas monitoradas, possibilitam aos estagiários o desenvolvimento da prática da interação pedagógica e estar mais preparado para programar as visitas enquanto professor. Porém, esse campo de estágio ainda não é fácil. O Brasil ainda não conta com um número efetivo de museus,

bibliotecas, centros de memória e arquivos nos municípios e os existentes, com exceções, não possuem condições favoráveis para receber um número grande de alunos. Superando essa dificuldade outro esforço é necessário o do convencimento, convencer essas instituições para que recebam os alunos e os professores dos cursos de licenciatura para que aceitem essa prática como pertinente a área de ensino. Essa é proposta em implantação no curso de História da UEM e alguns dos desafios postos.

Referências

CAINELLI, Marlene; SILVA, Ileizi Fiorelli. O estágio na licenciatura: a formação de professores e a experiência interdisciplinar na Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2009.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Educação Histórica: teoria e pesquisa. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2011.

CHASSOT, Ático; OLIVEIRA, José R. (Org.) Ciência, ética e cultura na educação. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. Ijuí, Ed. UNIJUI, 2000.

MORELLI, A. J. . História ambiental e Ensino. In: Luiz Felipe Viel Moreira; José Henrique Rollo Gonçalves. (Org.). Etnias, espaços e idéias: estudos multidisciplinares. Curitiba: Insituto Memória, 2009. p. 213-222.

MORELLI, A. J. Memórias de infância em Maringá: transformações urbanas e permanências rurais (1970-1990). São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SAMARA, Eni de Mesquita; PEIXOTO, Denise Cristina Carminatti. Museus enquanto espaços de atuação para o profissional de História. In: HEINZ, Flávio M.; HARRES, Marluza Marques (org.). A História e seus territórios. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 153-159.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. Jörn Rösen e o ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.